

**“VIVA AS ALMAS DA BARRAGEM!”: A CONSTRUÇÃO DA CAMINHADA DA SECA, SENADOR POMPEU- CE (1982-2012).**

**(Karoline Queiroz e Silva- Mestranda em História Social- UFC) <sup>1</sup>**

**Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.**

Às cinco horas da manhã muitas pessoas já se encontram nas ruas da cidade. Da Igreja Nossa Senhora das Dores ecoam cânticos e orações. Carros, paus de arara e ônibus estacionam na praça para desembarcar os fiéis que em poucos minutos iniciarão mais uma celebração. O padre bate foto com algumas crianças e cumprimenta todos alegremente, convocando para dar início à caminhada.

O carro de som sai à frente da multidão puxando orações. A maioria está vestida de branco, alguns poucos se diferenciam por suas roupas coloridas. Dali sairão por um percurso de aproximadamente quatro quilômetros até o Cemitério da Barragem onde será realizada uma missa. O cemitério é um monumento simbólico erguido em homenagem às vítimas do campo de concentração que funcionou no mesmo local durante a seca de 1932. Aos poucos, outras pessoas se juntam à procissão. Algumas paradas são realizadas para orações, uma delas em frente à cadeia pública. Na multidão, há muitas pessoas descalças, outras com imagens de santos e fotos de parentes.

No palco montado para missa vemos uma convidada ilustre: D. Luiza Lô, sobrevivente do Campo de Concentração do Patu.<sup>2</sup> Sob o sol escaldante da região do Sertão Central, todos ecoam cânticos e orações. Na homília, o padre pede que D. Luiza dê o seu depoimento e fale sobre os momentos quando era uma criança e morava no campo. Ao final da celebração, o sacerdote pede a todos que despejem um pouco de água no chão para “dar vida à terra seca”. Ele autoriza que sejam abertos os portões do cemitério para que as pessoas possam pagar suas promessas. Assim se encerra mais uma Caminhada da Seca.

---

<sup>1</sup> Pesquisa orientada pelo Prof. Dr. Frederico de Castro Neves (Professor Associado IV no Departamento de História da Universidade Federal do Ceará).

<sup>2</sup> Dona Luiza Lô faleceu em 2013 e esta foi sua última Caminhada da Seca.

A primeira caminhada ocorreu em 1982 quando o então vigário, padre Albino Donatti, convocou a população para orar para as almas dos falecidos na seca de 1932, as almas da barragem. A celebração ocorre em todo segundo domingo de novembro e, segundo depoimentos, a escolha da data tem relação direta com o dia de finados. Na cidade, quando perguntamos sobre as almas da barragem, todos sabem contar a história do campo de concentração, porém, nem sempre foi assim. Padre Carlos Roberto nos conta que cresceu com histórias sobre a seca e a crença nas santas almas. Porém, ele veio a ter um melhor entendimento quando retornou à paróquia e passou a conduzir as caminhadas. Mas quem seriam as almas da barragem?

Durante a seca que assolou o Ceará em 1932 foram construídos sete Campos de Concentração, um deles na cidade de Senador Pompeu que fica a 255 km da capital. Segundo Kênia Rios (2001), a construção dos chamados “currais do governo” não foi aleatória, pois se procurava a proximidade com linhas férreas, pois os trens eram os meios de maior escape da população de flagelados para Fortaleza. O campo foi erguido na antiga Vila dos Ingleses, próximo à Barragem do Patu. Lá, os retirantes foram enviados não somente para serem socorridos pelo governo, mas para darem continuação à obra de construção da barragem.

Segundo o relatório do interventor Carneiro de Mendonça, o governo não permitia a ociosidade, que poderia ocasionar muitos problemas. Também com o trabalho, os retirantes podiam de alguma maneira justificar a ajuda que estava sendo dada pelo governo. Ainda no mesmo relatório, o interventor aponta que os campos se configuraram em verdadeiros “campos de salvação”. Para ele, o governo não mediu esforços e foi eficaz em atender milhares de flagelados nos abrigos.

Porém, os discursos de “eficiência” e “salvação” não condizem com o cenário narrado pelos sobreviventes do campo. Para a maioria dos concentrados, não havia médicos, alimentos e remédios suficientes para todos, resultando em muitas mortes devido à propagação de doenças, uma delas a cólera, e “eram muitos gritos e lamentações, consequência da dor sentida pelo povo, e o pior é que não tinha doutor.”. (Félix Aristides da Silva, Senador Pompeu- CE). Esse é somente um dos

muitos depoimentos reunidos no livro *Migalhas do Sertão* de autoria do padre João Paulo Giovanazzi, italiano, amigo do padre Albino Donatti e seu sucessor na paróquia.

A partir dos depoimentos dos retirantes, o cenário de dor e sofrimento pôde ser retratado para os moradores da cidade, um relato bem diferente dos documentos oficiais. Os sobreviventes contam as mortes, as lamentações, as perdas de entes queridos, o enterro em valas comuns sem despedidas. Essa história de sofrimento é sempre muito escutada em Senador Pompeu. O senhor Zé Damas afirma que para ele já existiam muitas almas santas no campo, pois seu sofrimento somente almas santas suportariam. (José Gonçalves do Nascimento, Zé Damas, 21/04/2014). Começamos a perceber alguns aspectos da santificação, um deles relacionado ao sofrimento.

Segundo os moradores da cidade, a crença nas almas é “antiga” e não se sabe exatamente quando começou. Valdecy Alves conta que o padre Albino observou a devoção que já existia e teve a ideia de fazer uma caminhada ao local onde as pessoas depositavam seus ex-votos e realizavam orações, hoje o Cemitério da Barragem. Ele conta que o cemitério simbólico já existia e foram construídos após a caminhada somente os muros e a capelinha. O local já era considerado santo e as almas já realizavam milagres que muitas vezes ganhavam notoriedade durante os agradecimentos das missas. O padre Carlos Roberto fala que o padre Albino Donatti “trouxe à tona o que já tinha que é a fé nas almas da barragem.” (Padre Carlos Roberto, 12/11/2012). O que teria motivado o padre a realizar uma caminhada?

Em Senador Pompeu a história da seca de 1932 e da construção do Campo de Concentração parece fazer parte do cotidiano de seus moradores. Mas será que todos conhecem essa história e estabelecem uma relação com ela? Ao lançarmos em pesquisas virtuais o tema, percebemos a enxurrada de vídeos, fotos e documentários sobre 1932 e a Caminhada da Seca. Várias reportagens foram realizadas por jornais de alcance nacional, como o programa *Fantástico*, da Rede Globo. Nos vídeos, os personagens principais dessa história ganham destaque, os

sobreviventes. Até mesmo no ritual da missa durante a caminhada com a participação de D. Luiza Lô.

Valdecy Alves e Fram Paulo, dois entrevistados dessa pesquisa, ressaltam a importância dessa “história” e dos depoimentos, devemos “lembrar para conhecer e não repetir os erros do passado.”. Seria essa a intenção do padre Albino Donatti? Qual a posição dos sobreviventes em relação à romaria? Segundo Beatriz Sarlo (2007), essas visões do passado sempre se constroem a partir do presente, sendo um movimento dialético, onde a memória molda e também é moldada por nós. Aqui chegamos ao ponto crucial desta pesquisa e base de nossa investigação. Interessamos pensar no movimento de construção da Caminhada da Seca a partir da relação que seus participantes estabelecem com história da seca de 1932, suas memórias.

Porém, este não é mais um trabalho sobre religiosidade popular e não focaremos somente no processo de santificação das almas da barragem. Ao tomarmos conhecimento da multiplicidade de sujeitos que participam da celebração, percebemos que estes não são levados ao ritual somente por sua crença e suas promessas, pois muitos se declaram ateus. A caminhada possui uma maior dimensão, para além do lado místico da fé, ela envolve momentos de conflitos políticos da cidade e atuações que ultrapassam sua realização.

Desse modo, procuramos pensar como a caminhada ao longo desses trinta anos, de acordo com nosso recorte, englobou lutas políticas e sociais de seus participantes. Fé e política se encontram divididas nesse trabalho apenas para fins metodológicos, porém, suas linhas são tênues. Poderíamos tratar de seres políticos sem fé? Ou de fé sem um sentido político? Percebemos no estudo da caminhada que essas linhas são quase inexistentes, servindo apenas para legitimar ou deslegitimar posições entre os sujeitos participantes. Mas como podemos perceber esses conflitos dentro da celebração? Para iniciarmos com essa pergunta, retornemos a um personagem muito importante nessa investigação: padre Albino Donatti.

O padre Albino Donatti chegou ao Ceará em 1980, quando foi transferido de Cajazeiras, na Paraíba, para Iguatu. Ordenou-se padre em 1959, em Trento, na

Itália, local que viveu até seu falecimento em 2013. Envolveu-se num episódio de uma bomba em Cajazeiras e teve grandes conflitos com políticos locais e o padre Rolim e, segundo relatos, foi transferido para evitar maiores embates. À época, vivíamos sob o governo ditatorial e seu comportamento era considerado perigoso. Segundo Marta Sousa, presidente do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antonio Conselheiro (CDDH-AC), o padre era filiado à Teologia da Libertação e “um homem de lutas” (Antônia Marta de Sousa, 22/04/2012). Ele foi o criador do centro de defesa em 1983 e que hoje tem grande atuação no interior do Ceará, atendendo especificamente as localidades de Senador Pompeu e Milhã.

O CDDH participa ativamente da caminhada e foi criado a partir da luta do padre em prol das famílias que não foram indenizadas e perderam suas terras na construção da Barragem do Patu, segundo seus membros, o centro já foi um resultado da atuação de Albino Donatti. Em sua primeira caminhada, padre João de Melo conta que logo ao chegar à paróquia foi recebido por pessoas do centro que lhe contaram sobre a caminhada, oferecendo panfletos e vídeos informativos. Segundo ele, todos ressaltaram a importância do evento. O padre contou ainda que adquiriu equipamentos aeróbicos para que pudesse “se preparar melhor” para a longa caminhada. Desse modo, o CDDH toma a frente dos preparativos da celebração. Percebemos que a instituição serve não somente como uma representação legal, mas como uma liderança popular.

A caminhada, como já dito, é amplamente divulgada através de vídeos, documentários, fotos, reportagens, principalmente por iniciativa do CDDH, Fram Paulo e Valdecy Alves. Há um grande arquivo sobre a celebração na sede do centro e nas casas dos dois entrevistados. Cada novo sobrevivente encontrado, temos a produção de um novo vídeo, que será amplamente divulgado na *internet* e em eventos na cidade. Fram Paulo e Valdecy Alves participam de todas as caminhadas e se empenham em seu registro. Porém, nas entrevistas se declararam não “ligados à religião” e Valdecy afirmou ser ateu. O que os motivaria a ir às caminhadas? Por que tantos registros?

O advogado Valdecy Alves se diz um homem “apaixonado por história” e em suas viagens, procura sempre fazer registro dos grandes centros históricos. Para ele, é fundamental que não esqueçamos nossa história para que possamos aprender com o passado e não repetir os mesmos erros no futuro. Em suas palavras, a história de Senador Pompeu é uma história de sofrimento causada pelo abandono, pelo descaso, pelo desrespeito aos direitos humanos, e ao mostrarmos essa história ajudamos o povo a cobrar de seus governantes. A caminhada não seria somente um momento de fé, uma celebração mística, mas uma oportunidade de reflexão política e social. O entrevistado teve uma relação muito próxima ao padre Albino e conta que suas lutas foram um exemplo. Hoje, como advogado, atua junto a muitos sindicatos, nas causas dos trabalhadores. (Valdecy Alves, 13/05/2015).

Aqui, começamos a delinear o objetivo principal desta pesquisa que é entender como esse passado da seca de 1932 se relaciona com os participantes da Caminhada da Seca, produzindo memórias. Percebemos os diferentes sujeitos que ali se encontram, que não são motivados somente por sua devoção às almas da barragem. São advogados, médicos, estudantes, camponeses, que não poderiam ter com esse passado a mesma relação. Porém, precisamos entender que memórias são essas e como esses sujeitos se posicionam dentro e a partir da celebração. Para isso, precisamos retornemos mais uma vez ao padre Albino Donatti.

Um dos rituais que chama atenção ao participarmos da caminhada é a oração realizada próximo à cadeia. No estudo dos arquivos do CDDH encontramos duas cartas enviadas em 1984 e 1987 aos governadores do Ceará, Gonzaga Mota e Tasso Jereissati, respectivamente. Elas apresentam denúncias de abuso de poder policial e torturas na delegacia. Padre Albino sempre visitava os presos e muitos lhe contavam das agressões físicas e verbais que sofriam. Nessas cartas começamos a ver a dimensão e a ampliação da atuação do centro de defesa, pois a luta em seu nome começa a ir para além das questões agrárias na Barragem do Patu. Além disso, percebemos também como o padre atuava junto à comunidade.

A caminhada se apresenta como uma celebração variante, que incorpora em seus rituais aspectos do cotidiano da cidade. Segundo Valdecy Alves, na época em

que o padre estava à frente da caminhada, a celebração tinham momentos de reflexão sobre a seca de 1932 e de questões políticas. É importante ressaltar que vivíamos sob o fantasma da ditadura civil-militar e o padre já havia sido transferido de Cajazeiras por conflitos políticos. Seria a caminhada, um ritual que teve início pela devoção nas almas, um local livre dos olhares conservadores?

Além disso, o padre, em fins da década de 1980, teve um atrito com o prefeito de Senador Pompeu, José Rolim Gomes, político conservador. A briga foi o centro de uma reportagem do jornal local, que em diversos trechos se refere a Albino como “padre religioso e político”. Segundo as entrevistas, o padre foi muito ativo no cenário político, chegando a apoiar partidos e defender a ocupação de cargos políticos por grupos de oposição. Como a igreja se posicionava diante dos ataques à seu membro? Por que o padre não foi transferido de Senador Pompeu assim como anteriormente em Cajazeiras? Ele teria mais apoio no Ceará?

Para os entrevistados é unânime a ideia de que a caminhada só teve início porque o padre era Albino Donatti, italiano que foi rapidamente acolhido na cidade e se encontra em muitas narrativas de saudade. Sua figura é muito lembrada na celebração, através de falas e fotos. O padre teve contato com a crença nas santas almas logo ao chegar à cidade, pois eram muitas as histórias dos sobreviventes. Segundo Leonardo Boff (1982), a religiosidade popular é uma das formas de expressão do povo que não é contra o catolicismo oficial, mas simplesmente uma das apropriações desse catolicismo. A filiação do padre à Teologia da Libertação teria lhe ajudado a ver e entender a crença nas almas? Ele ajudou ainda na formação de muitos jovens na cidade, como Fram Paulo e Valdecy Alves, e esteve ligado à Equipe Cultural 19-22, criada por aqueles para lutar pela preservação dos casarões da Barragem do Patu e dar incentivo às artes.

Portanto, vemos que a Caminhada da Seca é somente um dos momentos onde a memória daqueles que se encontram ligados aos acontecimentos de 1932 opera. O centro de defesa e a igreja também são lugares onde a memória está sendo evocada. Para aqueles que entendem a celebração como um momento de fé e reflexão política a relação entre o passado e o presente da cidade é clara, pois o

abandono e o descaso das elites e dos governantes permanecem. Percebemos a atuação desses sujeitos no empenho na construção de um arquivo sobre a caminhada e a história do campo de concentração, principalmente através das memórias dos sobreviventes. Nesse sentido, Nora nos questiona “que vontade de memória elas testemunham, a dos entrevistados ou a dos entrevistadores?” (NORA, 2010, p. 16).

São dezenas de registros com os sobreviventes. Muitos já faleceram, mas suas palavras encontram-se gravadas. Fram Paulo, proprietário do Grupo Uzina, ressalta a importância de dar visibilidade à história da seca e discutir sobre a preservação dos casarões da Barragem do Patu que serviram como instalações para o campo de concentração em 1932, que seriam patrimônio histórico da cidade. Porém, esse enorme acervo, a necessidade de registrar, seriam suficientes para “mostrar” a história de 1932? Esses acontecimentos têm a coerência imaginada? Segundo Manoel Luiz Salgado:

É preciso, no entanto, estarmos atentos para o fato de que mais lembrança, como parte das demandas de nossa contemporaneidade, não implica necessariamente em mais conhecimento do passado e, muito menos, em uma compreensão crítica dessas experiências pretéritas. É preciso ter claro que lembrança e esquecimento caminham juntos, como processos ativos e necessários à vida social, e que a escrita pode ser a forma mais rápida para o fácil esquecimento. (SALGADO, 2007).

Em sua entrevista, Fram Paulo afirma que os trabalhos de divulgação da caminhada intensificaram-se a partir da década de 1990 e que primeiro veio o debate sobre as questões políticas e a devoção veio atrelada a isso. Valdecy afirma que a crença é importante, mas não é suficiente. A necessidade de registro dos depoimentos dos sobreviventes e a ênfase nos problemas sociais estariam em conflito com o crescimento da devoção? Para eles, a importância do elemento místico da crença anularia a reflexão política? Manoel Luiz Salgado aponta para a “compreensão crítica dessas experiências” que muitas vezes não aparecem nos registros. A narrativa do campo de concentração está sempre ligada ao abandono e ao descaso. Isso seria tão claro para os sobreviventes?



Nas narrativas sobre a devoção às almas da barragem, a caminhada encontra-se muito ligada ao lado místico e aos relatos de perdas no campo de concentração. Aqui, o santo não possui um nome, pois suas almas pertenciam a corpos que foram enterrados em valas comuns. A ausência nominal não enfraquece sua santidade, ao contrário, os flagelados sofreram grandes perdas em vida e mesmo após sua morte, não puderam ter um enterro dignamente cristão. O discurso de santidade relacionada ao sofrimento é recorrente nos participantes da celebração. Para Solange Ramos:

A relação sofrimento/santidade é utilizada há muito tempo para justificar a ideia de purificação, presente no sofrimento. A ideia de que o sofrimento purifica vem desde as religiões pagãs e foi absolvido pelo cristianismo. (ANDRADE, 2008, p. 241).

Para a autora, a relação entre sofrimento e santidade também é associada a Jesus Cristo que sofreu e foi crucificado para salvar as almas de todos os cristãos. Dessa forma, os sobreviventes tornam-se também uma ligação entre o mundo real e o mundo místico, dos mortos. Há a construção de uma narrativa em torno dos sujeitos que presenciaram e viveram com aqueles que hoje são almas santas. Neste sentido, lidamos com o aspecto da oralidade, da verbalização dos sofrimentos. Histórias que são apropriadas por todos aqueles que vão à caminhada, seja para legitimar os aspectos políticos e/ou místicos. Para Joël Candau:

Essas lembranças encontram sua justificativa não apenas em assegurar uma continuidade fictícia ou real entre o passado e o presente, mas também em satisfazer uma lógica identificadora no interior do grupo, mobilizando deliberadamente a memória autorizada de uma tradição. (CANDAU, p. 122).

Mesmo que a relação entre o lado místico e político se altere a partir dos sujeitos em questão, a narrativa de dor e sofrimento do Campo de Concentração do Patu é o elemento que une os participantes da caminhada. Nesse caso, os elementos da emoção e da tragédia agregam uma identidade ao grupo. Segundo Candau a memória do sofrimento é forte, pois é histórica. Para ele “a identidade historicizada se constrói em boa parte se apoiando sobre a memória das tragédias coletivas.” (CANDAU, p. 151). Mesmo que os acontecimentos de 1932 não tenham sido presenciados por todos os participantes da caminhada, Pollack (1992) nos fala

em uma memória por “vívuda por tabela” que não se prende somente à proximidade de parentesco entre os sujeitos.

Para além das narrativas, temos a discussão sobre os lugares de memória, nas palavras de Pierre Nora e espaços de recordação, para Aleida Assmann. O Cemitério da Barragem, assim como a Caminhada da Seca, está ligado à construção das memórias da seca de 1932. Ambos estão relacionados à devoção e podem ser vistos como espaços de recordação. Assmann fala que:

Mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos. E não apenas porque solidificam e validam a recordação, na medida em que ancoram no chão, mas também por corporificarem uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve dos indivíduos, épocas e também culturas, que está concretizada em artefatos. (ASSMANN, 2011, p. 318).

O cemitério foi construído pela memória de 1932 e também constrói memórias, à medida que na capelinha a grande quantidade de ex-votos reforça a devoção nas almas da barragem. Segundo os relatos, o local é anterior à caminhada e já recebia muitas visitas. De acordo com os sobreviventes, muitos flagelados foram enterrados ali em valas comuns. O padre Carlos Roberto conta que a população é muito empenhada em sua conservação, sempre pintando os muros e fazendo alguma reparação. Porém, não percebemos o mesmo empenho ao tratar dos casebres construídos na década de 1920 por ingleses que trabalharam na construção da barragem e serviram também para as instalações do campo em 1932.

Portanto, na Caminhada da Seca, encontramos sujeitos motivados não somente pela devoção às almas da barragem, mas também, envolvidos em lutas políticas que se apropriam da história da seca de 1932 para legitimar suas posições. Os registros com os sobreviventes que apoiam a história de dor e sofrimento crescem a cada dia e tomam à frente da celebração e neste sentido, Candau fala que “todo dever de memória passa em primeiro lugar pela restituição de nomes próprios. (...) reencontrar o nome de uma vítima é retirá-la do esquecimento; fazê-la renascer e reconhece-la, conferindo-lhe um rosto, uma identidade.” (CANDAU,

DATA, p. 68). Seria essa uma das intenções na geração desse arquivo? “Dar vida” aos flagelados do campo de concentração?

Durante a seca foram construídos vários campos de concentração e não observamos esse tipo de prática em outros locais, somente em Senador Pompeu. Por que dar destaque a acontecimentos pretéritos que evocam tanto sofrimento? É fundamental ressaltar que de 1979 a 1981, o Ceará atravessou anos de seca. O jornal Folha de S. Paulo noticiou em março de 1981 a preocupação do governo federal com a seca que se prolongava no Nordeste. Muitos saques foram realizados por multidões em busca de alimento, um deles em Senador Pompeu, ao armazém da Cobal. Nesse período, José Rolim era prefeito, em seu primeiro mandato.

Em seu trabalho sobre os saques, Frederico de Castro Neves (2000) aponta que as ações eram dotadas de um caráter legitimador: a fome. Na entrevista, padre Carlos Roberto fala que o padre Albino “associou a seca com os problemas que a comunidade vivia” e deu início a caminhada. Cinquenta anos após os acontecimentos de 1932, a comunidade ainda enfrentava os problemas da fome e da falta de recursos. Assim, o padre relacionou através da devoção nas almas da barragem, os acontecimentos de 1932 com o presente de seca que estava sendo enfrentado pela comunidade. Percebemos, através do estudo dos rituais da celebração que outros momentos importantes também foram incorporados, como os episódios de violência policial em meados da década de 1980. O padre, como um homem de fé e “ativista”, como muitos o chamam, reunia em sua pessoa os anseios místicos e políticos. Sendo assim, o estudo de sua trajetória é fundamental como ponto de partida para essa pesquisa.

Portanto, diante dessa multiplicidade das memórias presentes na celebração da Caminhada da Seca e para além dela, entendemos que as formas de recordar o passado não são inocentes e estão inseridas numa rede muito maior, da coletividade. Essa memória que é seletiva e trata também de esquecimentos, varia de acordo com as posições dos indivíduos dentro do ritual. Para Burke:

Estes rituais são recriações do passado, actos de memória, mas são também tentativas para impor determinadas

interpretações do passado, para moldar a recordação. São, em todos os sentidos, representações colectivas. (BURKE, 1992, p.240-241).

Dessa forma, entendemos a caminhada como um ritual que é moldado por essas memórias e também as molda, à medida que incorpora novos elementos, sejam eles religiosos ou políticos. Lidamos nesse trabalho não somente com a história oral, como fonte e metodologia, mas também com os aspectos da oralidade. Poderíamos tratar a caminhada como uma tradição? Como esses sujeitos se relacionam dentro da celebração? Existe algum tipo de disputa de memória entre eles? Essas são as principais questões que nortearão a busca por fontes ligadas aos grupos que participam da celebração, buscando entender a construção de suas memórias e seus conflitos dentro da celebração.

## **Fontes**

### **- Entrevistas**

Padre Carlos Roberto, Senador Pompeu- Ceará (Realizada em 12/11/2011).

José Gonçalves do Nascimento (Zé Damas), Senador Pompeu- Ceará (Realizada em 21/04/2012).

Francisco Paulo Ferreira da Silva (Fram Paulo), Senador Pompeu- Ceará (Realizada em 21/04/2012).

Antônia Marta de Sousa, Senador Pompeu (Realizada em 22/04/2012).

Valdecy Alves, Senador Pompeu- CE (Realizada em 13/05/2015).

### **- Livros**

GIOVANAZZI, João Paulo. Migalhas do Sertão. Trento: Tipolitografia “LA RECLAME”, 1998.

## **Referências bibliográficas**

ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica e a santidade do mártir. Projeto História, São Paulo, n. 37, p. 237-260, dez. 2008.

ASSMANN, Aldeida. Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BURKE, Peter. O mundo como teatro: estudos de antropologia histórica. Lisboa: Difel, 1992.

BOFF, Leonardo. Igreja: carisma e poder; ensaios de eclesiologia militante. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1982.

GUIMARAES, M. L. L. S. Vendo o passado: representação e escrita da história. An. mus. paul. vol.15 no.2 São Paulo July/Dec. 2007.

NEVES, Frederico de Castro. A multidão e a história: saques e outras ações de massa no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará. Fortaleza- CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RIOS, Kenia Sousa. Campos de concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932. Fortaleza, CE: Museu do Ceará, 2001.

SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.